

Tema 19. A ressurreição da carne

O corpo ressuscitado será real e material, mas não terreno nem mortal. O enigma da morte do homem só é compreendido à luz da ressurreição de Cristo e da nossa ressurreição n'Ele. A vida eterna dá sentido último e permanente à vida humana, ao compromisso ético, à entrega generosa, ao serviço abnegado, ao esforço por comunicar a doutrina e o amor de Cristo a todas as almas. A possibilidade da condenação perpétua no inferno lembra aos cristãos a

necessidade de viver uma vida inteiramente dedicada aos outros.

01/10/2022

No final do Símbolo dos Apóstolos, a Igreja proclama: “Creio na ressurreição da carne e na vida eterna”. Esta fórmula contém, resumidamente, os elementos fundamentais da esperança escatológica da Igreja, isto é, daquilo que o ser humano espera no final da sua vida. A base da esperança cristã é a promessa divina.

A fé na ressurreição

Em muitas ocasiões, a Igreja proclamou a sua fé na ressurreição de todos os mortos no fim dos tempos. Trata-se de alguma forma da “extensão” da Ressurreição de Jesus

Cristo, “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29), a todos os homens, justos e pecadores, que acontecerá quando Ele vier no final dos tempos para julgar os vivos e os mortos. Com a morte, como sabemos, a alma se separa do corpo, mas com a ressurreição, corpo e alma se unem novamente entre si, na glória, para sempre (cf. *Catecismo*, 997). O dogma da ressurreição dos mortos, ao mesmo tempo que fala da plenitude da vida imortal à qual o homem está destinado, apresenta-se como uma vívida lembrança da sua dignidade, especialmente em seu aspecto corporal. Fala da bondade do mundo, do corpo, do valor da história vivida dia a dia, da vocação eterna da matéria. Portanto, contra os gnósticos do segundo século, os Padres da Igreja insistiram na *ressurreição da carne*, isto é, da vida do ser humano em sua materialidade corpórea.

São Tomás de Aquino considera que a ressurreição dos mortos é natural em relação ao destino do ser humano (porque a alma imortal é feita para se unir ao corpo e vice-versa), mas é sobrenatural em relação a Deus que é quem a realiza (*Summa Contra Gentes*, IV, 81), isto é, natural quanto à “causa final”, sobrenatural quanto à “causa eficiente”.

O corpo ressuscitado será real e material; mas não terreno, nem mortal. São Paulo opõe-se à ideia de uma ressurreição como transformação humana dentro da história, e por isso fala do corpo ressuscitado como “glorioso” (cf. Fl 3,21) e “espiritual” (cf. 1 Cor 15,44). A ressurreição do homem, como a de Cristo, acontecerá, para todos, após a morte, no fim dos tempos.

A Igreja não promete aos cristãos uma vida de sucesso seguro nesta terra, o que se chamaria uma *utopia*,

porque nossa vida terrena é sempre marcada pela Cruz. Ao mesmo tempo, pela recepção do Batismo e da Eucaristia, o processo de ressurreição já começou aqui na terra de alguma forma (cf. *Catecismo*, 1000). De acordo com São Tomás, no estado ressuscitado, a alma informará o corpo tão profundamente que nele serão refletidas todas as suas qualidades morais e espirituais (*Summa Theologiae*, III. Suppl., qq. 78-86). Nesse sentido, a ressurreição final, que acontecerá com a vinda de Jesus Cristo na glória, possibilitará o julgamento definitivo dos vivos e dos mortos.

Com relação à doutrina da ressurreição, podemos fazer quatro observações práticas:

1) A doutrina da ressurreição final exclui as teorias da *reencarnação*, segundo as quais a alma humana,

após a morte, migra para outro corpo, repetidamente se necessário, até que seja definitivamente purificada. A vida humana é única... não se repete; isso dá consistência a tudo o que fazemos no dia a dia. A este respeito, o Concílio Vaticano II falou do “único curso da nossa vida” (*Lumen gentium*, 48).

2) Uma manifestação clara da fé da Igreja na ressurreição do próprio corpo é a veneração das relíquias dos santos, tema tão central na piedade dos fiéis.

3) Embora a cremação não seja ilícita, salvo se for escolhida por motivos contrários à fé (*CIC*, 1176), a Igreja aconselha vivamente que se preserve o piedoso costume de sepultar os corpos^[1]. O corpo em sua materialidade é parte integrante da pessoa, ressuscita no final dos tempos, teve contato com os sacramentos instituídos por Cristo e

foi templo do Espírito Santo. Entende-se então que, no momento do sepultamento, ele seja respeitado em sua materialidade no mais alto nível possível. Também se aconselha a evitar a cremação, de modo particular hoje em dia, pois há no ambiente um especial desprezo pela corporeidade humana como criatura de Deus destinada à ressurreição.

4) A ressurreição dos mortos coincide com o que a Sagrada Escritura chama a vinda dos “novos céus e da nova terra” (*Catecismo*, 1042; 2 Pe 3,13; Ap 21,1). Não só o homem alcançará a glória, mas todo o cosmos, no qual o homem vive e atua, será transformado. “A Igreja, à qual todos somos chamados e na qual por graça de Deus alcançamos a santidade, só na glória celeste alcançará a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas (cfr. Act. 3,21) e, quando, juntamente com o gênero humano,

também o universo inteiro, que ao homem está intimamente ligado e por ele atinge o seu fim, for perfeitamente restaurado em Cristo (cfr. Ef, 1,10; Col. 1,20; 2 Ped. 3, 10-13)” (*Lumen gentium*, n. 48). Certamente haverá continuidade entre este mundo e o novo mundo, mas também uma importante descontinuidade marcada pela perfeição, a permanência e a completa felicidade.

O sentido cristão da morte

O enigma da morte do ser humano só é compreendido à luz da ressurreição de Cristo e da nossa ressurreição n'Ele. De fato, vemos a morte, a perda da vida humana, a separação da alma e do corpo, como o maior mal na ordem natural. Mas será completamente superada quando Deus em Cristo ressuscitar os homens no final dos tempos.

É certo que *a morte parece natural* no sentido de que a alma pode separar-se do corpo. Marca o fim da peregrinação terrena. Depois da morte, o homem não pode merecer ou desmerecer mais. Já não terá a possibilidade de se arrepender. Logo após a morte a alma irá para o céu, inferno ou purgatório, passando pelo chamado *juízo particular* (cf. *Catecismo*, 1021-1022). A inexorabilidade da morte serve ao homem para dirigir bem a sua vida, para aproveitar o tempo e outros talentos que Deus lhe deu, para agir corretamente, para gastar-se a serviço dos outros.

Por outro lado, a Escritura ensina que a morte entrou no mundo por causa do pecado (cf. Gn 3,17-19; Sb 1,13-14; 2,23-24; Rm 5,12; 6,23; Tg 1, 15; *Catecismo*, 1007). Nesse sentido, a morte é considerada como castigo pelo pecado: o ser humano que queria viver separado de Deus deve

aceitar o desgosto e as consequências da ruptura com Ele, com a sociedade e consigo mesmo como resultado do seu distanciamento.

No entanto, Cristo com sua obediência venceu a morte e conquistou a ressurreição e a salvação para a humanidade. Para quem vive em Cristo através do Batismo, a morte continua a ser dolorosa e repugnante, mas já não é uma lembrança viva do pecado, mas uma oportunidade preciosa de poder corredimir com Cristo, através da mortificação e da dedicação aos outros. “Se morrermos com Cristo, também com ele viveremos” (2 Tm 2,11). Por isso, “graças a Cristo, a morte cristã tem um sentido positivo” (*Catecismo*, 1010). A morte gradual para si mesmo que a vida cristã traz consigo (mortificação) serve para a união definitiva com Cristo por meio da morte.

A vida eterna em íntima comunhão com Deus

Ao criar e redimir o homem, Deus o destinou à comunhão eterna com Ele, ao que São João chama de “vida eterna”, o que se costuma chamar “o céu”. Assim Jesus comunica aos seus a promessa do Pai: “Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor” (Mt 25,21). E em que consiste a vida eterna? Não é como “uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo – o antes e o depois – já não existe. Podemos somente procurar pensar que este instante é a vida em sentido pleno, um incessante mergulhar na vastidão do ser, ao mesmo tempo que ficamos

simplesmente inundados pela alegria” (Bento XVI, *Spe salvi*, 12).

Afinal, a vida eterna é o que dá sentido último e permanente à vida humana, ao compromisso ético, à entrega generosa, ao serviço abnegado, ao esforço de comunicar a doutrina e o amor de Cristo a todas as almas. A esperança cristã no céu não é individualista, “para mim”, mas refere-se a todos os homens (cf. *Spe salvi*, 13-15, 28, 48). Com base na promessa da vida eterna, o cristão está firmemente convencido de que “vale a pena” viver a vida cristã plenamente. “O céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva” (*Catecismo*, 1024).

Aqueles que morrem na graça serão semelhantes a Deus para sempre, porque o veem “como ele é” (1 Jo 3,2), ou seja, “face a face” (1 Cor

13,12), o que se chama a “visão beatífica” de Deus. O céu é a expressão máxima do dom de Deus ao homem.

Ao mesmo tempo, no céu o homem poderá amar as pessoas a quem amou no mundo com um amor puro e perpétuo. “Não o esqueçais nunca: depois da morte, há de receber-vos o Amor. E no Amor de Deus ireis encontrar, além disso, todos os amores limpos que houverdes tido na terra” (São Josemaria, *Amigos de Deus*, 221). A alegria do céu atinge seu ápice com a ressurreição dos mortos.

Que o céu dure para sempre não significa que nele o homem deixe de ser livre. Certamente no céu o homem não peca; ele não pode pecar porque, vendo Deus face a face, na realidade o homem não quer pecar. Livre e filialmente, o homem salvo permanecerá em comunhão com

Deus para sempre, porque assim realmente o deseja. Com o céu, sua liberdade alcança a plena realização.

Finalmente, segundo Santo Tomás, a vida eterna depende da caridade que cada um tem: “Quem tem mais caridade participa mais da luz da glória, e verá Deus mais perfeitamente e será feliz” (*Summa Theologiae*, I, q 12, a. 6, c).

O inferno como desprezo definitivo de Deus

A Sagrada Escritura ensina que os homens que não se arrependem de seus pecados graves perderão o prêmio eterno da comunhão com Deus, sofrendo, em vez disso, a desgraça perpétua. “Morrer em pecado mortal sem arrependimento e sem dar acolhimento ao amor misericordioso de Deus, significa permanecer separado d'Ele para sempre, por nossa própria livre escolha. E é este estado de

autoexclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designa pela palavra ‘Inferno’” (*Catecismo*, 1033). Não é que Deus predestina alguém à condenação perpétua; é o homem que, buscando seu fim último sem Deus e longe da sua vontade, constrói para si um mundo isolado no qual a luz e o amor de Deus não podem penetrar. O inferno é um mistério, o mistério do Amor rejeitado, é um sinal do poder destrutivo do homem livre quando se afasta de Deus. O inferno é “não amar mais”, diziam muitos escritores.

A doutrina sobre o inferno se apresenta no Novo Testamento como um chamado à responsabilidade no uso dos dons e talentos recebidos e à conversão. A sua existência faz o homem vislumbrar a gravidade do pecado mortal, e a necessidade de evitá-lo por todos os meios, principalmente, como é lógico,

através da oração confiante e humilde. A possibilidade da condenação perpétua também lembra aos cristãos a necessidade de viver uma vida inteiramente dedicada aos outros no apostolado cristão.

Purificar-se para poder ficar com Deus

“Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu” (Catecismo, 1030). Pode-se pensar que muitos homens, embora não tenham vivido uma vida santa na terra, também não se fecharam definitivamente no pecado. A possibilidade de ser purificados, após a morte, das impurezas e imperfeições de uma vida mais ou menos malsucedida

surge então como uma nova bondade de Deus, que quer viver em íntima comunhão com ele. “O purgatório é uma misericórdia de Deus, para limpar os defeitos daqueles que desejam identificar-se com Ele” (São Josemaria, *Sulco*, 889).

O Antigo Testamento fala da purificação ultraterrestre (cf. 2Mc 12,40-45). São Paulo na primeira carta aos Coríntios (1 Cor 3,10-15) apresenta a purificação cristã, nesta vida e no futuro, através da imagem do fogo; fogo que de alguma forma emana de Jesus Cristo, Salvador, Juiz e Fundamento da vida cristã. Embora a doutrina do Purgatório não tenha sido formalmente definida até a Idade Média (cf. DH 856, 1304), a prática antiquíssima e unânime de oferecer sufrágios pelos mortos, especialmente por meio do santo Sacrifício eucarístico, é uma clara indicação da fé da Igreja na purificação além da morte. Não teria

sentido rezar pelos mortos se eles não pudessem ser ajudados.

O purgatório pode, portanto, ser considerado como um estado de distanciamento temporário e doloroso de Deus, no qual os pecados veniais são perdoados, a inclinação para o mal que o pecado deixa na alma é purificada e o “castigo temporário” é superado. Com efeito, o pecado não só ofende a Deus e prejudica o próprio pecador, mas, pela comunhão dos santos, prejudica a Igreja, o mundo e toda a humanidade. Mas a oração da Igreja pelos mortos de alguma forma restaura a ordem e a justiça e nos reconcilia definitivamente com Deus.

As almas no purgatório sofrem muito, dependendo da situação de cada um. No entanto, é uma dor com grande significado, “uma dor feliz” (Bento XVI, *Spe salvi*, 47). Por esta razão, os cristãos são convidados

a buscar a purificação dos pecados na vida presente através da contrição, da mortificação, da reparação e de uma vida santa.

Paul O'Callaghan

Bibliografia básica

—*Catecismo da Igreja Católica*, 988-1050.

Leituras recomendadas

—São João Paulo II, *Catequese sobre o Credo: Creio na vida eterna* (audiências de 26/05/1999 até 4/08/1999).

—Bento XVI, *Spe salvi*, 30/11/2007.

—São Josemaria, Homilia A esperança do cristão, em *Amigos de Deus*, 205-221.

^[1] Cf. Instrução *Ad Resurgendum cum Christo*, da Congregação para a Doutrina da Fé (2016), sobre a sepultura dos defuntos e a conservação das cinzas no caso de cremação.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/tema-19-a-ressurreicao-da-carne/> (19/01/2026)